

# A POSSIBILIDADE DE VITIMIZAÇÃO: QUALIDADE DE VIDA E A CRIMINALIDADE <sup>1</sup>

*Alam Gualberto TEIXEIRA<sup>2</sup>*

## RESUMO

Sendo o crime um fenômeno social, a compreensão dos diversos e múltiplos aspectos que podem influenciar sua prática é fundamental para o desenvolvimento de qualquer ação preventiva. No intuito de contribuir com a prevenção na cidade de Marília-SP, mapeamos indicadores de qualidade de vida relacionando-os com a possibilidade de vitimização (Banco de Dados Criminais)<sup>3</sup>, dados da Prefeitura Municipal (equipamentos urbanos) e do IBGE de 2000. A distribuição de equipamentos urbanos e serviços de infra-estrutura da cidade seguem o “padrão de concentração” encontrado na maioria das cidades brasileiras, onde os setores centrais e de melhores rendimentos são mais bem servidos. Sobre a vitimização, observamos que os espaços com melhores indicadores de qualidade de vida têm maior concentração de vítimas de crimes contra o patrimônio (roubos e furtos, reflexo das condições materiais) e, os mais carentes, possuem mais vítimas de crimes contra a pessoa (homicídios, lesões corporais e demais distúrbios sociais).

Palavras-Chave: Qualidade de Vida, Criminalidade, Vitimização, Violência, políticas Públicas

Possíveis causas e soluções dos problemas relativos à criminalidade são, hoje, discutidos nos mais diversos meios, ultrapassam os muros da academia e dos órgãos competentes e chegam a qualquer conversa cotidiana empreendida pelas mais diversas pessoas de diferentes classes sociais.

Aspecto esse que seria positivo se a comunidade visualizasse seu papel de co-responsável na redução dos problemas criminais. Na verdade, observamos que nessa diversidade de especulações o pânico começa a ganhar forma quando observamos que as pessoas passam a acreditar, cada vez mais e como única saída, nas políticas conservadoras e/ou autoritárias para o trato com as questões relativas a segurança pública. O que pode ser

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como T.C.C., sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Sueli Andruccioli Felix

<sup>2</sup> Bolsista FAPESP, graduado em Ciências Sociais em 2002 na Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo - Brasil.

<sup>3</sup> GUTO - Grupo de Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado, da UNESP, contém todos os boletins de ocorrências criminais da cidade para os anos de 2000 a 2002.

mais um motivo para preocupação, haja vista que violência desnecessária pode e, freqüentemente gera mais violência. (ZALUAR, 1997)

Sendo o crime um fenômeno social, a compreensão dos diversos e múltiplos aspectos que podem influenciar a sua prática é fundamental para o desenvolvimento de qualquer ação que efetivamente busque minorar os problemas relativos à criminalidade.

Com o intuito de contribuir para um diagnóstico dos problemas criminais na cidade de Marília-SP, nosso trabalho abordou a possibilidade de vitimização relacionada à qualidade de vida. Para tanto contamos com o Banco de Dados do Grupo de *Pesquisa e de Gestão Urbana de Trabalho Organizado (G.U.T.O.)*, que conta com a totalidade dos Boletins de Ocorrência da cidade dos anos de 2000, 2001, 2002<sup>4</sup>, com dados da Prefeitura Municipal<sup>5</sup> e com dados do Censo Demográfico do Brasil 2000<sup>6</sup>.

Desde a época de Lombroso (colocar o período de suas publicações, como final do séc. XIX, por ex.), o fenômeno criminal carrega uma pesada carga de interpretações de causa/efeito. Mesmo em tempos hodiernos, especialmente para o senso comum há uma forte relação entre Criminalidade/Marginalidade, ou, Criminalidade/Exclusão Social. Consideram-se, no contexto de exclusão da sociedade, o desempregado, o subempregado, o pobre e miserável, o negro, o habitante de espaços deteriorados (favelas e cortiços) etc. Podemos afirmar que a relação, na verdade, está infiltrada de preconceito contra os menos favorecidos economicamente. (FELIX 1996, p. 57)

Com essa pecha, afloram as interpretações deterministas, como a hipótese de relação entre clima e criminalidade de estudos realizados em Dallas por Harries, Stadler & Zdorkowisk (1984). Argumentaram que em casos climáticos extremos (frio ou calor intensos) os pobres estavam mais sujeitos a prática de delitos, pois as suas parcas condições econômicas não os possibilitavam amenizar os efeitos negativos do clima. (FÉLIX, 1996, p. 61).

Nesta linha, deparamo-nos com uma série de considerações sobre a relação entre o crime e condições de vida em sociedade, especialmente em um contexto de desigualdade social, provocativa dos desajustes sociais. Guimarães (1978), argumentou que a falta de progresso pessoal não estimula o crime, pois, num contexto isolado é inócuo.

---

<sup>4</sup> Especificamente trabalhamos com a residência de vítimas de crimes contra o patrimônio e contra a pessoa.

<sup>5</sup> Número e distribuição dos equipamentos urbanos.

<sup>6</sup> Abastecimento de água, coleta de lixo, coleta de esgoto, rendimento dos chefes de família e escolaridade dos chefes de família.

Porém, “a convicção de inferioridade”, em contraste com o progresso dos semelhantes inspiraria o crime para o re-equilíbrio, como uma solução de emergência.

Desse modo, o crime seria a forma de expressão dos que se percebem mais pobres frente às desigualdades sociais potencializadas pelo consumo, sendo o meio urbano o cenário propício, uma vez que os desiguais convivem próximos (FÉLIX, 1996, p. 61).

Outros autores, como Wirth (1970), trabalharam com a associação urbanização/marginalidade/criminalidade. Para eles, a relação surge da impessoalidade das relações no meio urbano, do afrouxamento do controle informal, da fraca vida familiar etc. Podemos destacar, ainda, que a exposição ao urbanismo, não importando a classe social a que a pessoa pertença, somada às altas aspirações, pode provocar o afloramento de processos desviantes/delitivos e até mesmo a formação de subculturas geradoras de criminalidade (FÉLIX, 1996, p. 95-96).

Outra argumentação interessante advém de Castro (1983) ao relacionar a criminalidade, especialmente a ocorrida no meio urbano, diretamente à desintegração dos laços sociais provocada pelo egocentrismo (equivalente ao individualismo característico de uma sociedade competitiva), pela instabilidade (referente à falta de segurança da vida moderna, representada pelo desemprego e pela própria violência a que se submetem as pessoas no seu cotidiano), pela agressividade (gerada pela instabilidade) e pela indiferença afetiva (representada pelo anonimato e pela falta de raízes sociais, resultantes da mobilidade espacial) (FÉLIX, 1996).

Contudo, devemos lembrar que a relação entre desorganização social e miséria não é inequívoca. Embora a relação exista, não é absoluta, e outras variáveis devem ser consideradas como os níveis de industrialização, urbanização, desorganização e exposição ao urbanismo. Para trabalharmos com essa relação de condições de vida e crime, um conceito importante para o nosso trabalho é o de privação relativa que tanto criminaliza a pobreza na medida em que dá sustentação à tese que a convivência entre desiguais inspiraria o crime para o re-equilíbrio, como afasta essa idéia de relação entre pobreza e criminalidade ao demonstrar que o leque de privações ultrapassa os limites da classe baixa. Como exemplo de sentimento de privação temos o consumismo. Este que está sendo gerado e alimentado pela sociedade e atinge todos os segmentos sociais (FÉLIX, 1996, p. 61). Na medida em que nossa sociedade valoriza o consumo em si, os desejos nunca estão totalmente saciados e dessa forma as privações são sentidas por todos os segmentos sociais.

Outros processos da vida urbana devem ser levados em conta, como por exemplo, o fenômeno, a periferização como expansão urbana desigual, baseada na ampliação da cidade através da criação de bairros periféricos desprovidos de condições que garantam aos seus moradores o acesso aos serviços urbanos, pode ser tomada como padrão de crescimento das metrópoles brasileiras desde 1940 até a atualidade (JACOBI, 1990, p. 122), e também carrega a associação entre pobreza e criminalidade, pois no senso comum as comunidades carentes são locais de excluídos ou, no mínimo, de pessoas perigosas.

Este processo de segregação espacial, segundo Jacobi (1990), ao mesmo tempo em que garante aos moradores das regiões centrais uma melhor qualidade de vida graças às facilidades de acesso aos serviços urbanos, impele a maioria da população a espaços desprovidos de tais serviços, afetando negativamente a qualidade de vida: “Como reflexo, verifica-se um processo de regionalização das carências, ou seja, uma diminuição expressiva no nível de apropriação dos benefícios urbanos orientados do centro para a periferia”. (JACOBI, 1990, p. 122).

A relação desigualdade social/criminalidade cai em uma armadilha. Primeiro, porque contrariando a maioria dos textos especializados, Beato (1998) afirmou que “vários” estudos têm conseguido mostrar relação invariável dos crimes violentos com alguns fatores como desigualdade econômica, estrutura populacional e desemprego, Caldeira (2000) alertou que o Brasil, desde sua formação, foi marcado por injustiças e desigualdades e não podemos afirmar que somente agora esse fato tenha desencadeado todo o quadro criminal que observamos. E quando trabalhamos com o conceito de privação relativa, a tese de Beato (1998) desaba, pois, como observa Felix (1996), tal conceito nos permite vislumbrar que o conjunto de privações ultrapassa as classes sociais. Zaluar (1997) também nos chamou atenção para armadilha de associarmos a criminalidade à pobreza, alegando que nem todos os pobres tornam-se criminosos e que esses tipo de discurso desvia a atenção da opinião pública que além de criminalizar a pobreza não está preocupada com os homens que estão fazendo fortunas traficando drogas e armas, ou, desviando o dinheiro das políticas públicas que deveriam estar sendo executadas justamente no intuito de apresentarem mais opções às camadas mais carentes da comunidade. Isso, não porque essas camadas sejam perigosas, mas porque na verdade é dever do Estado assistir as parcelas da população que estão mais vulneráveis.

Diferentemente de Beato (1998), Costa et al. (2001), em trabalho que realizaram sobre a morte violenta observaram que alguns fatores como grande contingente populacional, má distribuição de renda, ausência de laços comunitários, tráfico de drogas etc, têm relação com a morte violenta. Contudo, ao citar Soares (2000), os autores deixaram claro que as possíveis relações a serem estabelecidas não podem ser tomadas de maneira inequívoca, pois não podemos esquecer os fatores culturais e psicológicos que motivam os indivíduos a cometerem crimes.

## **O CASO DE MARÍLIA**

### **1 DISTRIBUIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS URBANOS**

Não podemos assumir que a simples presença de equipamentos urbanos é garantia de satisfação das necessidades<sup>7</sup>. E, por sua vez, que esses equipamentos urbanos garantam uma boa qualidade de vida. Outros indicadores de qualidade de vida podem e devem ser considerados, uma vez que o conceito é muito amplo e abarca toda a gama de fatores socioeconômicos e ambientais. E mais, não podemos deixar de citar o aspecto subjetivo no que tange a qualidade de vida, pois os valores vigentes em uma sociedade é que definem o que podemos tratar por necessidades e, conseqüentemente, por qualidade de vida. (VELÁZQUEZ, 2001).

Em nosso trabalho trataremos da espacialização de apenas alguns equipamentos urbanos e algumas características socioeconômicas, pois esses dois aspectos, mesmo não abrangendo a qualidade de vida como um todo, servem-lhe de indicativo. Sabe-se que a ausência de equipamentos, somada às precárias condições socioeconômicas, podem ser encaradas como uma barreira quase intransponível para a efetivação de uma boa qualidade de vida.

Para a análise do nível de atendimento à população, em relação aos equipamentos e serviços urbanos a cidade foi dividida em 13 setores (Figura I), respeitando-se, na medida do possível, as barreiras físicas, econômicas e até arquitetônicas de cada setor.

---

<sup>7</sup> Baseados em Velazquez e Garcia (1999), assumiremos por necessidade os bens materiais e imateriais que uma dada sociedade coloca como necessário para manutenção da vida de seus membros.

Com as informações dos serviços e suas localizações, fizemos a equivalência de equipamentos e serviços de cada setor de bairros pela população residente (número absoluto de equipamentos e serviços dividido pela população residente, multiplicado por mil), para uma noção exata da distribuição pela cidade e análises conjugadas a outras variáveis de condição de vida como renda e escolaridade.

De posse dessas informações, desenvolvemos outras análises com os índices de criminalidade nos setores. Para a análise da criminalidade, selecionamos informações sobre as vítimas residentes, cientes que o espaço de residência da vítima caracteriza melhor as condições de vida da população residente que os espaços de ocorrência dos crimes.

A etiologia criminal mostra que as regiões centrais das cidades são as mais vulneráveis e com grande incidência de todos os tipos de crimes em função do adensamento, da concentração do comércio, de bares e locais de entretenimento. Além disso, há uma grande concentração de pessoas não-residentes que circulam por todo o tempo. Portanto, são espaços que não caracterizam a população residente.

Excetuando-se o centro, os espaços de população com melhores condições econômicas são geralmente os mais sujeitos à criminalidade contra o patrimônio, pelo fato óbvio de ser um local de concentração de riqueza. Por outro lado, os espaços com mais ocorrência de crimes contra a pessoa (os chamados crimes violentos como homicídio e tentativa de lesão corporal etc.) são os periféricos, com grande concentração de excluídos do sistema econômico e das demais facilidades urbanas.

Pensando nisso tudo, procedemos à análise, tomando por base a média de equipamentos e serviços da cidade por mil habitantes = 0,83 ‰. Assim, notamos que há dois grupos de bairros bem distribuídos, acima e abaixo do total. Sete setores estão acima do total: Setor Sudoeste = 3,37 ‰ hab.; Setor Centro = 1,64 ‰ hab.; Setor Centro Sul = 1,47 ‰ hab.; Setor Centro Leste = 1,43 ‰ hab.; Setor Sudeste = 1,39 ‰ hab.; Setor Centro Norte = 1,29 ‰ hab.; Setor Centro Oeste = 1,07 ‰ hab., e seis Setores abaixo: Setor Sul = 0,69 ‰ hab.; Setor Leste = 0,60 ‰ hab.; Setor Noroeste = 0,60 ‰ hab.; Setor Norte = 0,59 ‰ hab.; Setor Nordeste = 0,53 ‰ hab.; Setor Oeste = 0,42 ‰ hab. (Figura I)

**No primeiro grupo**, setores acima do total da cidade, destacam-se o Setor Sudoeste com 3,37 ‰ hab. Ou seja, apresenta uma taxa quatro vezes superior ao total da

cidade (0,83 %*ohab.*). Por ser uma região com o mais alto percentual de chefes de família mais bem remunerado, este é um exemplo típico de “vantagens cumulativas”<sup>8</sup>.

Podemos afirmar que a cidade de Marília segue o padrão de concentração na distribuição de serviços como nos alertam Jacobi (1990), Zaluar (1991) e Figueiredo (2001), onde a região central e de alta remuneração da cidade encontra-se mais bem servida do que as regiões periféricas.

Dessa constatação podemos levantar duas hipóteses. A primeira vem de Figueiredo (2001), afirmando que o poder público não considera apenas as características socioeconômicas da população para instalação de equipamentos e, dessa forma, as regiões com maior carência ficam duplamente prejudicadas, por não estarem assistidas pelo poder público e, por não disporem de recursos, não podem acessar os serviços privados. A segunda hipótese foi levantada por Edemir de Carvalho (Apud FELIX, 2001), quando analisou o setor de bairro denominado de Salgado Filho/Cavalari, observando que a porção deste setor mais bem servida de equipamentos é a região de ocupação mais antiga que com o passar do tempo teve suas demandas sociais atendidas. Dessa forma, um dos motivos para as regiões centrais da cidade estarem mais bem atendidas pelos serviços urbanos pode ser, justamente, pelo tempo de ocupação.

**No segundo grupo**, setores abaixo do total da cidade, o Setor Sul é o que apresenta os melhores índices. Como é composto por um grande número de conjuntos habitacionais, conta com serviços e equipamentos desde a sua instalação, planejados durante a formação dos núcleos e, portanto, muitos deles construídos antes mesmo da ocupação territorial.

Outro ponto que merece atenção neste setor é a forte organização popular no bairro denominado Nova Marília. Como observou FELIX (1996), criado no início de 1980, com 3000 casas, o bairro Nova Marília abrigou, quase instantaneamente, cerca de 15% da população urbana de Marília que contava com 103 mil habitantes pelo Censo de 1980. Foram cerca de 15 mil pessoas que se mudaram para um espaço com pouca infra-estrutura (abastecimento precário de água e deficiência na rede de esgoto), sem asfalto, com poucas linhas de ônibus, localizada no extremo oposto do Distrito Industrial. Além de casas muito

---

<sup>8</sup> Cárdua e Shiffer (2002) apresentam o conceito de “*desvantagens cumulativas*”, que na verdade é a outra face do que observamos nestes setores. Ou seja, tanto as sobreposições de privações como as sobreposições de vantagens ocorrem freqüentemente nos mesmos locais. E dessa forma as populações que apresentam precárias condições de vida são prejudicadas na maioria dos indicadores e as com melhores condições apresentam freqüentemente as melhores marcas em todos os indicadores. Ou seja, os espaços que apresentam melhores condições de vida somam vantagens.

pequenas e sem muro, a concentração desse enorme contingente populacional com parcas condições de vida provocou um “caos” na região. Com o passar dos anos, a população foi se organizando para reivindicar melhorias, o que provocou uma atenção diferenciada do poder local no atendimento às exigências da comunidade. Vale lembrar, também, que esse bairro é um excelente curral eleitoral para alguns políticos locais.

## 2 INFRA – ESTRUTURA

Nesta parte do trabalho, que denominamos de infra-estrutura, usamos como fonte o Censo 2000 da Fundação IBGE para catalogar os indicadores dos domicílios particulares permanentes como coleta de lixo, abastecimento de água e escoadouro de esgoto.

### a) Lixo

Como notamos na Tabela 1, as regiões centrais da cidade estão mais bem servidas de equipamentos urbanos em geral. No caso da coleta do lixo, exibe uma taxa superior à média da cidade (98,26%).

O que nos causou surpresa foi a baixa classificação na coleta de lixo de setores que contam com chefes de família munidos de alto rendimento. (Tabela 1 e Tabela 4)

**Tabela 1: Destino do lixo por Setores de Bairros de Marília-SP.**

Setores	Nº	Coletado	Queimado	Enterrado	Terreno baldio ou logradouro	Rio	Outro destino	Total
Centro	01	99,97%	0,03%	-	-	-	-	100%
Centro Norte	02	99,86%	0,08%	-	0,03%	0,03%	-	100%
Centro Oeste	03	99,84%	0,16%	-	-	-	-	100%
Centro Sul	04	99,53%	0,12%	0,17%	0,12%	-	0,06%	100%
Leste	05	97,27%	1,82%	0,35%	0,56%	-	-	100%
Noroeste	06	96,44%	1,36%	0,35%	1,54%	0,31%	-	100%
Norte	07	99,10%	0,45%	0,05%	0,32%	-	0,08%	100%
Oeste	08	92,50%	3,20%	0,30%	2,00%	1,91%	0,09%	100%
Sudoeste	09	95,65%	4,12%	0,23%	-	-	-	100%
Sul	10	98,39%	0,70%	0,05%	0,80%	0,02%	0,04%	100%
Sudeste	11	95,22%	2,39%	1,81%	0,58%	-	-	100%
Centro Leste	12	99,73%	0,15%	-	-	0,08%	0,04%	100%
Nordeste	13	98,58%	0,14%	-	0,91%	0,06%	0,31%	100%
Total Geral		98,26%	0,73%	0,13%	0,64%	0,16%	0,08%	100%

Fonte: Fundação IBGE – Censo de 2000

Org.: Alam G.Teixeira

### b) Abastecimento de água

Vale ressaltar, novamente, a presença dos setores centrais como os melhores colocados no abastecimento de água pela rede geral. Estes setores estão acompanhados de perto por setores periféricos e/ou com baixos rendimentos dos seus moradores. (Tabela 2 e Tabela 4)

**Tabela 2: Abastecimento de água na cidade de Marília/SP**

Setores	Nº	rede geral	poço ou nascente	outra forma	Total
Centro	1	99,06%	0,92%	0,03%	100%
Centro Norte	2	99,93%	0,03%	0,03%	100%
Centro Oeste	3	99,89%	0,05%	0,05%	100%
Centro Sul	4	91,79%	8,21%	-	100%
Leste	5	95,95%	3,98%	0,07%	100%
Noroeste	6	96,79%	3,17%	0,04%	100%
Norte	7	99,19%	0,59%	0,22%	100%
Oeste	8	97,33%	2,48%	0,19%	100%
Sudoeste	9	87,41%	12,59%	-	100%
Sul	10	99,05%	0,72%	0,23%	100%
Sudeste	11	94,58%	5,42%	-	100%
Centro Leste	12	99,27%	0,73%	-	100%
Nordeste	13	99,65%	0,22%	0,12%	100%
Total Geral		98,49%	1,37%	0,14%	100%

Fonte: Fundação IBGE – Censo de 2000

Org.: Alam G. Teixeira

Contudo, no que se refere ao abastecimento de água, gostaríamos de destacar que alguns bairros de classe alta em Marília são servidos por poços artesianos, o que pode ser encarado como alusivo para os baixos percentuais dos setores que aparecem com chefes de família com altos rendimentos.

### c) Esgoto

Como maneira apropriada de escoadouro de esgoto pode-se considerar a rede geral e a fossa séptica. Dessa forma, nove<sup>9</sup> dos treze setores apresentam percentual próximo a 100% das formas adequadas para o escoadouro de esgoto. (Tabela 3)

Os outros quatro<sup>10</sup> setores apresentam percentuais inferiores à marca geral da cidade de Marília – SP (97,86%). (Tabela 3)

<sup>9</sup> Centro, Centro Norte, Centro Oeste, Centro Leste, Centro Sul, Leste, Norte, Sudoeste e Sudeste.

<sup>10</sup> Noroeste, Oeste, Sul e Nordeste.

**Tabela 3: Escoadouro de Esgoto na cidade de Marília-SP.**

Setores	Nº	rede geral	fossa séptica	fossa rudimentar	vala	rio	outro escoadouro	Total
Centro	1	99,90%	0,05%	0,03%	0,02%	-	-	100%
Centro Norte	2	99,90%	0,03%	0,07%	-	-	-	100%
Centro Oeste	3	99,57%	0,27%	0,11%	-	-	0,05%	100%
Centro Sul	4	98,77%	0,12%	0,00%	1,05%	0,06%	-	100%
Leste	5	96,50%	1,89%	0,70%	0,42%	-	0,49%	100%
Noroeste	6	91,39%	3,00%	0,04%	0,80%	0,40%	4,37%	100%
Norte	7	97,47%	1,67%	0,17%	0,68%	-	0,01%	100%
Oeste	8	90,03%	1,45%	3,54%	2,70%	1,99%	0,29%	100%
Sudoeste	9	90,60%	8,94%	0,46%	-	-	-	100%
Sul	10	96,92%	0,71%	0,68%	1,31%	0,09%	0,29%	100%
Sudeste	11	94,69%	4,78%	0,53%	-	-	-	100%
Centro Leste	12	99,62%	0,19%	0,15%	-	-	0,04%	100%
Nordeste	13	96,71%	0,05%	0,07%	1,02%	0,55%	1,60%	100%
Total Geral		96,86%	0,99%	0,49%	0,86%	0,25%	0,55%	100%

Fonte: Fundação IBGE – Censo de 2000

Org.: Alam G.Teixeira

### 3 DOS CHEFES DE FAMÍLIA

#### a) Rendimento dos chefes de família

Usando os dados do censo 2000 do IBGE que divide o rendimento dos chefes de família da cidade em oito faixas de renda (*sem rendimento, até um salário mínimo, mais de um até três salários mínimos, mais de três até cinco salários mínimos, mais de cinco até dez salários mínimos, mais de dez até quinze salários mínimos, mais de quinze até vinte salários mínimos e mais de vinte salários mínimos*), podemos observar que a maioria (29,8%) dos chefes de família de Marília-SP fica na faixa salarial compreendida entre *mais de um até três salários mínimos*.

A segunda faixa que aparece com maior número de ocorrência é a de *mais de três até cinco salários mínimos*, com 20,7%, seguida de perto pela faixa *mais de cinco até dez* (19,6%).

Apenas 14% dos chefes de família têm rendimento *acima de dez salários mínimos* e, destes, 5% têm rendimentos *superior a 20 salários mínimos*.

Se somarmos as faixas, *sem rendimento* e *até um salário mínimo*, encontraremos 15,9% dos chefes de famílias marilienses, sendo que destes 5,3% encontram-se *sem rendimentos*.

Ao dividirmos os rendimentos dos chefes de família em setores, observamos que os setores periféricos têm a maioria de seus chefes de família na faixa *mais de um até três salários mínimos*. (Tabela 4)

Já nos setores centrais a maioria dos chefes de família encontra-se na faixa *mais de cinco até dez salários mínimos*. (Tabela 4)

Somente em dois setores de bairro a maioria dos chefes de família tem rendimento *superior a vinte salários mínimos*. (Tabela 4)

Observamos dessa forma que os rendimentos dos chefes de família mariliense concentram-se em três faixas: *mais de um até três salários mínimos*, *mais de cinco até dez salários mínimos* e *mais de vinte salários mínimos*. (Tabela 4)

**Tabela 4: Rendimento dos Responsáveis pela Família na Cidade de Marília**

Setores	Nº	sem rendimento	Até 1 S.M.	+ 1 até 3 S.M.	+ 3 até 5 S.M.	+ 5 até 10 S.M.	+ 10 até 15 S.M.	+ 15 até 20 S.M.	+ 20 S.M.	Total
Centro	1	1,8%	9,1%	19,8%	16,7%	22,3%	9,5%	7,1%	13,7%	100%
Centro Norte	2	3,1%	8,8%	17,5%	16,0%	25,9%	11,1%	8,1%	9,5%	100%
Centro Oeste	3	6,0%	15,5%	33,8%	18,6%	15,5%	4,1%	3,0%	3,5%	100%
Centro Sul	4	2,7%	5,0%	10,9%	11,5%	26,7%	15,2%	12,9%	15,1%	100%
Leste	5	3,4%	4,6%	12,8%	12,8%	29,8%	12,6%	10,1%	13,9%	100%
Noroeste	6	3,5%	9,8%	27,9%	22,8%	24,5%	5,8%	3,8%	1,9%	100%
Norte	7	6,2%	9,3%	39,4%	26,6%	15,8%	1,5%	0,7%	0,5%	100%
Oeste	8	5,9%	9,7%	31,4%	23,8%	21,6%	4,2%	2,0%	1,4%	100%
Sudoeste	9	1,5%	4,1%	6,4%	7,3%	16,0%	12,8%	14,4%	37,5%	100%
Sul	10	7,5%	12,2%	37,0%	22,5%	16,0%	2,5%	1,5%	0,8%	100%
Sudeste	11	1,3%	4,3%	10,3%	9,1%	20,6%	11,0%	13,3%	30,1%	100%
Centro Leste	12	3,4%	10,7%	18,7%	16,9%	24,2%	8,8%	7,6%	9,7%	100%
Nordeste	13	6,1%	14,0%	31,7%	21,6%	19,8%	4,0%	1,6%	1,3%	100%
Total Geral		5,3%	10,6%	29,8%	20,7%	19,6%	5,2%	3,8%	5,0%	100%

Fonte: Fundação IBGE – Censo de 2000

Org.: Alam G.Teixeira

Como observou LIBERALI e MASSA (1986), segundo Velázquez e Garcia (1999), as necessidades variam nos diferentes grupos sociais, ou seja, os grupos com maior carência econômica deveriam ser melhor atendidos pelos equipamentos e serviços urbanos, o que na verdade não ocorre. Pois, como relataram Jacobi (1990), Zaluar (1991) e Figueiredo (2001), os espaços centrais e onde a população apresenta melhores rendimentos são mais bem atendidos. Portanto, a distribuição dos serviços serve, dessa forma, para reafirmar as desigualdades.

## A POSSIBILIDADE DE VITIMIZAÇÃO

### 1 VITIMAS DE CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO

Sobre a residência das vítimas de crimes contra o patrimônio, dividimos os setores em dois grupos. O primeiro grupo com os setores de bairro que estão acima da média da cidade que é de 25,03%: Setor Sudoeste – 57,08 ‰hab.; Setor Centro Sul – 52,52 ‰hab.; Setor Centro Leste – 40,40 ‰hab.; Setor Sudeste – 37,74 ‰hab.; Setor Centro Norte – 36,93 ‰hab.; Setor Centro – 29,23 ‰hab.; Setor Centro Oeste – 28,29 ‰hab.; Setor Nordeste – 27,59 ‰hab. Este grupo conta com a presença dos setores centrais<sup>11</sup> e mostra que há uma relação, ao menos neste caso, entre a ocorrência de crimes e a residência das vítimas.

De forma geral, os Setores de Bairro mais bem classificados na somatória dos indicadores socioeconômicos apresenta o maior número de vítimas de crime contra o patrimônio por mil habitantes, o que pode servir de hipótese para essa colocação é a concentração de bens a serem furtados/roubados,

Levando-se em conta que:

- as regiões centrais (FELIX, 1996) das cidades apresentam as maiores ocorrências de crime e, no caso da cidade de Marília-SP, elevado número de vítimas de crimes contra o patrimônio por ‰habitantes;
- contam com um número expressivo de chefes de família com rendimentos acima de vinte salários mínimos;
- e, estão bem colocadas pelos indicadores de qualidade de vida que analisamos.

Podemos levantar a hipótese que há uma espécie de relação causal entre residência de vítimas de crimes contra o patrimônio e elevados índices de qualidade de vida. Quanto mais elevada a qualidade de vida, mais aumentam as possibilidades das pessoas serem vitimadas.

Isso também pode ser especulado em outra direção: a concentração de equipamentos e serviços em determinados espaços urbanos aumenta a especulação imobiliária e limita o acesso às pessoas de baixos rendimentos. Obviamente, até mesmo

---

<sup>11</sup> Segundo Felix (1996), as ocorrências de delitos nas regiões centrais das cidades apresentam altos índices de todos os crimes. Graças às características particulares como elevado adensamento, grande oferta de locais de entretenimento e alta concentração comercial.

por uma questão de oportunidade, locais com pessoas com bons rendimentos são atrativos para a prática de crimes contra o patrimônio. (FELIX, 1996)

Contudo, encontramos o Setor de Bairro Noroeste com baixa classificação socioeconômica e com um número de vítimas de crime contra o patrimônio por mil habitantes superior ao número total da cidade, tal fato pode ser indicativo que embora a relação entre residência de vítimas de crimes contra o patrimônio, qualidade de vida e rendimentos exista, ela não pode ser pensada como absoluta.

Outro exemplo é o Setor de Bairro Leste, que mesmo sendo um setor que conta com um grande número de chefes de família com rendimentos *acima de vinte salários mínimos* (13,9%) e bom desempenho nos indicadores de qualidade de vida encontra-se no grupo de setores de bairro<sup>12</sup> que tem o número de vítimas por mil habitantes abaixo do total geral da cidade, que é de 25,03 ‰ Isso corrobora a afirmação que a relação causa - efeito, boa qualidade de vida e assédio para crimes contra o patrimônio, apesar de existir, não é absoluta.

Para tecer nossas observações sobre a residência das vítimas de crime contra a pessoa, tomaremos como parâmetro de análise, também, o número médio de vítimas de toda a cidade para os crimes contra a pessoa, por mil habitantes = 9,06‰hab.

## 2 VITIMAS DE CRIMES CONTRA A PESSOA

O grupo de setores com números de vítimas residentes por mil habitantes de crimes contra a pessoa acima do total da cidade, que é de 9,06‰hab conta com cinco setores: Setor Norte – 11,72‰hab; Setor Nordeste – 11,23‰hab; Setor Sudoeste – 10,38‰hab; Setor Centro Oeste – 9,48‰hab; Setor Centro – 9,08‰hab.

Levando-se em conta as teses que consideram as regiões centrais como as de maior ocorrência de crimes de qualquer natureza e que nos espaços onde a população apresenta maior carência socioeconômica encontraremos maior incidência de crimes contra a pessoa, os indicadores seguem esse padrão, pois todos os setores centrais e de baixa classificação nos indicadores de qualidade de vida estão neste grupo. A exceção fica com o setor que ocupa a terceira posição (número de vítimas por mil habitantes) e apresenta as melhores

---

<sup>12</sup> Setor Leste – 24,09 ‰hab; Setor Oeste – 23,99 ‰hab; Setor Norte – 22,82 ‰hab; Setor Sul – 15,65‰hab; Setor Noroeste – 14,77‰hab.

marcas de chefes de família com rendimentos *superiores a vinte salários mínimos* e os melhores desempenhos nos indicadores de qualidade de vida aqui analisados.

O segundo grupo, com oito setores, todos com número inferior de vítimas de crimes contra o patrimônio por mil habitantes que o número total da cidade (9,06%*ohab.*), é composto por: Setor Sul – 8,71 %*ohab.*; Setor Centro Sul – 8,29%*ohab.*; Setor Noroeste – 8,05%*ohab.*; Setor Centro Norte – 7,27%*ohab.*; Setor Oeste – 7,15%*ohab.*; Setor Centro Leste – 5,86%*ohab.*; Setor Leste – 4,98%*ohab.*; Setor Sudeste – 3,64%*ohab.*

Observando a residência das vítimas dos crimes contra a pessoa na cidade de Marília, constatamos que os setores de bairro onde os chefes de família têm os melhores rendimentos são os que exibem as menores taxas de vitimização de crimes contra a pessoa. Exceção dos setores centrais<sup>13</sup> e do Setor de Bairro Sudoeste (maior concentração de toda a cidade de chefes de família com rendimentos *superiores a vinte salários mínimos*, mas ocupa a terceira posição - 11,72%*ohab.*).

Mesmo admitindo que o rendimento dos chefes de família é fator contributivo da qualidade de vida da população, e que este indicador apresenta alguma relação com os crimes contra a pessoa o restante dos indicadores de qualidade de vida nos permite constatar que não podemos admitir uma relação de causa efeito entre a residência das vítimas de crimes contra a pessoa na cidade de Marília-SP e a qualidade de vida dessa população, Caldeira (2000) também chegou a esta conclusão em sua análise da cidade de São Paulo.

## CONCLUSÃO

Em Marília a análise da relação entre possibilidade de ser vítima e qualidade de vida, mostrou que a vitimização de determinados crimes, como o cometido contra patrimônio, tem relação com os rendimentos, ou, mais especificamente, com este que é o mais forte indicador de qualidade de vida<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Como já foi comentada, a região central da cidade apresentam as maiores taxas de qualquer natureza de crimes.

<sup>14</sup> Levantamos a hipótese de que os setores mais bem servidos pelos indicadores de qualidade de vida são alvo de especulação imobiliária e por isso impossibilitam os carentes economicamente de estabelecerem residência nos locais em que suas parcas condições seriam amenizadas com os equipamentos e serviços urbanos instalados. Sobra para a população mais carente espaços que apresentam, no geral, qualidade de vida inferior.

Contudo, se a relação entre crime contra o patrimônio e altos rendimentos existe, não é absoluta, especialmente quando entram outros fatores como a oportunidade presente nos espaços centrais com maior concentração de atividades comerciais.

Assim, a possibilidade de vitimização não pode ser condicionada à qualidade de vida, uma vez que os problemas criminais envolvem inúmeros fatores multifacetários. Contudo, podemos afirmar que as camadas da população que dispõem de precária qualidade de vida estão mais sujeitas a serem vítimas de crimes contra a pessoa, e que os segmentos mais abastados, que contam com uma qualidade de vida mais elevada, tem maiores chances de vitimização por crimes contra o patrimônio.

Enfim, não devemos realizar interpretações simplistas de associação inequívoca entre o aumento recente da violência/criminalidade e sintomas de desigualdade social e pobreza, mas não podemos fechar os olhos e os ouvidos para as possíveis influências que as características socioeconômicas trazem para a dinâmica da violência e da criminalidade.

## REFERÊNCIAS

BEATO F., C. C. Determinantes da Criminalidade em Minas Gerais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, jun. 1998.

CALDEIRA, T.P.R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

CASTRO, L. A. *Criminologia da Reação Social*. Tradução Éster Kosovski. Rio de Janeiro: Forense, 1983. 208 p.

FELIX, S. A. et al. (Coord.) A Geografia das Ofensas: análise dos espaços de crimes, criminosos e das condições de vida da população de Marília-SP, *Relatório Científico de Pesquisa*, n.1, UNESP – FAPESP, Marília, jul. 2001. mimeogr.

FELIX, S. A. A “*geografia do crime*” urbano: aspectos teóricos e o caso de Marília – SP. 1996. 322 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 1996.

FIGUEIREDO, V. D. M. *População e qualidade de vida urbana em Santa Maria – RS. Estudo de caso: bairro Urlândia*. 2001. 197 f. Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço) IGCE/UNESP, Rio Claro, 1997.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Dados do Censo Demográfico do Brasil*. Rio de Janeiro, 2000.

JACOBI, P. Habitat e saúde na periferia. *São Paulo em Perspectiva*, v. 4, n. 3/4, p. 121–130, 1990.

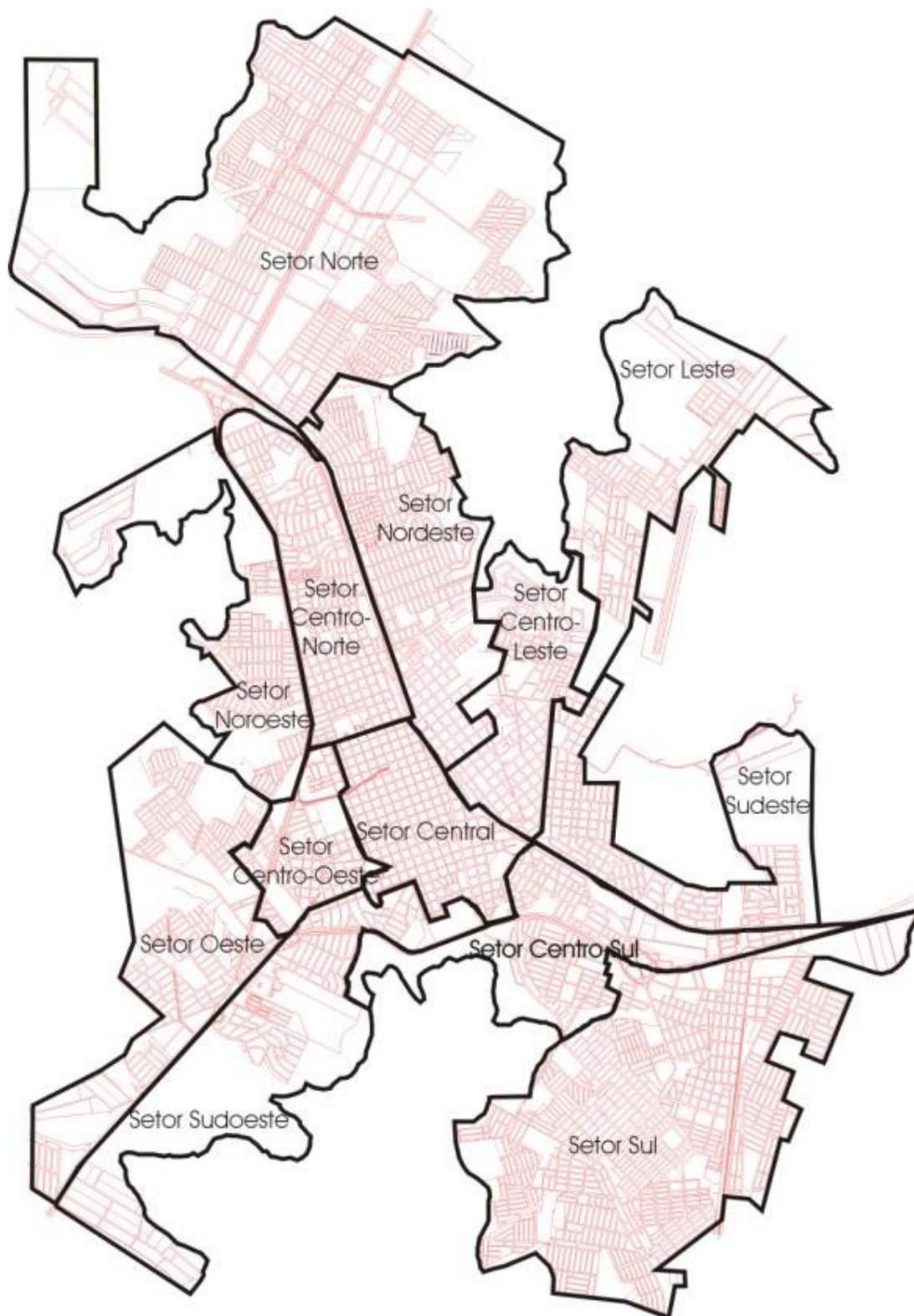
VELÁZQUEZ, G. A. *Geografía, calidad de vida y fragmentacion em la Argentina de los noventa: analisis regional y departamental utilizando SIG's*. Tandil (Arg.): C.I.G., 2001.

ZALUAR, Alba. Brasil na transição: cidadãos não vão ao paraíso. *São Paulo em Perspectiva*, v. 5, n. 1, p. 19-25, 1991.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 35, fev. 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091997000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 Out. 2002.

---

**FIGURA 1 -** Mapa da cidade de Marília com os limites territoriais dos Setores de Bairro.



---

**ARTIGO RECEBIDO EM 2003.**